

APROXIMAÇÕES E VEREDAS: POÉTICAS DE ROSA E LINA

Data de submissão: 08/06/2023

Data de aceite: 02/08/2023

Stephany Altruda

Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/1048326483617380>

RESUMO: O artigo origina-se de uma inquietação acerca do processo criativo, retratando uma reflexão de caráter teórico e prático. Este artigo toma como tema a obra de dois intelectuais modernos que atuaram em campos profissionais distintos e visa investigar a construção de conexões interdisciplinares entre arquitetura e outras áreas. Dessa forma, tangencia temas da literatura, história, geografia, filosofia e sociologia. O foco da análise são duas obras exemplares: o romance Grande Sertão Veredas (João Guimarães Rosa, 1956) e a Igreja do Espírito Santo do Cerrado em Minas Gerais (Lina Bo Bardi com colaboração de André Vainer e Marcelo Carvalho Ferraz, 1976). A primeira será mediada pelas releituras dos textos de “Grandesertão.br: romance de formação do Brasil” (BOLLE, 2004) e “O super-realismo de Guimarães Rosa (CANDIDO, 2006). Já a segunda será baseada nas releituras dos textos de Lina Bo Bardi publicados nas cinco primeiras

edições da revista Habitat (1950-1951) e na sua tese “Contribuição Propedêutica do Ensino da Teoria da Arquitetura” (Bardi, 1957). A pesquisa que vem sendo realizada visa construir uma análise comparativa metodológica, esboçada a partir do tripé: Lina, Rosa e a questão do “vernacular” na arte e arquitetura modernas.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, Vernacular, Lina, Rosa, Veredas.

APPROACHES AND PATHWAYS: POETICS OF ROSA AND LINA

ABSTRACT: The article originates from an uneasiness about the creative process, portraying a reflection of a theoretical and practical character. This article takes as its theme the work of two modern intellectuals who acted in different professional fields and aims to investigate the construction of interdisciplinary connections between architecture and other areas. In this way, it touches themes of literature, history, geography, philosophy, and sociology. The focus of the analysis is two exemplary works: the novel Grande Sertão Veredas (João Guimarães Rosa, 1956) and the Church of the Holy Spirit of the Cerrado in Minas Gerais (Lina Bo Bardi and team², 1976). The first will be mediated by the re-reading of the texts of “Grandesertão.br: a novel of

formation of Brazil” (BOLLE, 2004) and “The super-realism of Guimarães Rosa (CANDIDO, 2006). The second one will be based on the re-reading of Lina Bo Bardi’s texts published in the first five issues of Habitat (1950-1951) and her thesis “Propaedeutic Contribution of Teaching Architecture Theory” (Bardi, 1957). The research that is being carried out aims to construct a comparative methodological analysis, outlined from the tripod: Lina, Rosa and the question of “vernacular” in modern art and architecture.

KEYWORDS: Architecture, Vernacular, Lina, Rosa, Veredas.

Embora essas duas obras, localizadas uma em Uberlândia e a outra no centro-oeste do sertão mineiro, adotem meios de expressão e estratégias metodológicas aparentemente distintas, entende-se, ou postula-se, que ambas se relacionam, cada qual à sua maneira, com a cultura tradicional da população daquela região e apresentam uma vontade genuína de valorizar o berço cultural do sertanejo mineiro. Com o intuito de suprir a diferença temporal na realização das obras analisadas, a pesquisa¹ proposta ampara-se na releitura das cinco primeiras edições da revista Habitat (1950-1951) e na tese “Contribuição Propedêutica do Ensino da Teoria da Arquitetura” (1957), ambas contemporâneas da obra de Rosa (1956). Em Habitat, por meio de textos, imagens e até da diagramação, Lina também valorizava a cultura popular brasileira. Tal aspecto é fundamental para compreender sua obra, tardia, de Uberlândia.

ROSA E O SERTÃO

João Guimarães Rosa, autor da obra “Grande Sertão: Veredas”, foi contista, romancista, novelista, diplomata e, por um curto período, médico. Nascido em Cordisburgo (MG) em junho de 1908, Rosa permaneceu como profissional atuante por um período de dez anos no interior mineiro, retornando à região somente anos mais tarde.



Figura 1: Capa da 1ª edição de Grande Sertão: Veredas e orelha de outras edições, desenhadas por Poty. Fonte: IEB USP – Fundo João Guimarães Rosa. (“O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas)”. Apud: MONTEIRO, 2006).

¹ Este artigo é parte da pesquisa de Iniciação Científica “Aproximações e veredas: poéticas de Rosa e Lina”, fruto da parceria entre Universidade Presbiteriana Mackenzie e Cnpq. Esta pesquisa segue sob orientação da Prof^a Dr^a Ruth Verde Zein, cuja vigência para realização da mesma data do período entre 01 de Agosto de 2018 a 31 de Julho de 2019.

Seus biógrafos afirmam que surgiu em 1952 a ideia para a criação do enredo da obra “Grande Sertão Veredas”, a partir da experiência de ter participado de uma comitiva capitaneada pelo vaqueiro Manuelzão, levando uma boiada entre a região da Sirga, no então povoado de Barreiro Grande (hoje cidade de Três Marias) e a Fazenda São Francisco, em Araçá, ex-distrito de Sete Lagoas.

Na viagem de dez dias, realizada em maio de 1952, montado no lombo da mula Balalaica, Rosa perguntava sobre tudo aos vaqueiros seus companheiros de jornada. Ia anotando as respostas em cadernetas, espécies de “diários de viagem”. (SALES, 2012, p. 5).

A partir destas fontes, a obra incorpora uma atitude ambiciosa, pois reintegra a sabedoria refratária do sertanejo ao embate humano, além de ativar seu caráter transcendente, ao comparar o sertão com a essência humana. A partir desta epopeia - também considerada uma alegoria metafísica (LOURENÇO, 1997), Rosa destrincha o sertão na mesma intensidade que investiga a profundidade da alma humana, destacando-se pela experimentação e recriação da linguagem utilizada.

Porém, o que fascina é a humildade composta na obra analisada, permitindo-se observar seu objeto, sua fonte de estudo, o sertanejo e o sertão, de forma tão próxima e sensível, quanto distante - no olhar universal - usufruindo da ambiguidade presente na questão do vernacular, aqui também entendido como significado a língua em que se fala, de maneira inovadora, sendo este um dos aspectos a serem abordados no artigo.

Guimarães Rosa desce ao porão do Brasil como língua, descobre e não por acaso, aquelas Minas sem as quais o Brasil como veio a existir nunca se teria feito nação _ aquela nação -, e, nessa descida atravessa as camadas do falar, os tempos de uma língua que se reinventa – ou ele recria sem fim – para contar história de um passado aparentemente morto – e que é simplesmente a língua portuguesa sem sujeito e com todos os sujeitos. (LOURENÇO, 1997, p.24)

LINA E O CERRADO

A obra Igreja do Espírito Santo do Cerrado, em Uberlândia, Minas Gerais, por Lina Bo Bardi, foi projetada no período entre 1976 a 1981. Achillina Giuseppina Bo (1914- 1992, Roma, Itália; São Paulo, Brasil) foi arquiteta, designer, cenógrafa, editora e ilustradora. O início de sua formação ocorreu na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, em 1940. Sua vinda ao Brasil, no qual carinhosamente referia-se como “minha pátria de escolha”, ocorreu com a seu marido Pietro Maria Bardi (1900-1999), em 1946. Instalou-se, primeiramente no Rio de Janeiro, depois na capital paulista e posteriormente na capital baiana, tendo enfim voltado a São Paulo.

Quando a gente nasce, não escolhe nada, nasce por acaso. Eu não nasci aqui, escolhi esse lugar para viver. Por isso, o Brasil é meu país duas vezes, é minha ‘Pátria de Escolha’, e eu me sinto cidadã de todas as cidades, desde o

O convite para a construção de uma capela que suprisse a demanda da comunidade local foi feito pelas ordens dos Franciscanos e das Carmelitas de Pés Descalços, e chegou por intermédio de seu amigo e artista Edmar de Almeida e pelos freis Fulvio Sabia e Egydio Parisi, após sua visita a Uberlândia (MG) em 1975. Ao tomar conhecimento da forma de construção, visando a proposta em mutirão composto pela comunidade do Bairro Jaraguá, conhecido em Uberlândia por ser um bairro periférico, a arquiteta aceita o convite. (MIRANDA, 2014)



Figura 2: Fotografia de 1978 ilustra Lina Bo Bardi e Frey Egydio com o grupo de colaboradores para a obra Igreja Espírito Santo do Cerrado. Fonte: acervo ILBPMB. In: Uma ideia de Arquitetura - Os Escritos de Lina Bo Bardi. GRINOVER, 2017, p.17.

Observa-se na escolha de Lina, uma oportunidade para aplicar na prática todos os seus conhecimentos técnicos, principalmente os voltados a valorização da cultura popular, juntos a seus valores políticos, muito expostos em seus escritos, como “A contribuição Propedêutica ao Ensino da Teoria de Arquitetura”, realizado em 1957. “O estudo da técnica, aliada ao conhecimento vernáculo (tema recorrente na sua carreira, sendo possível usar materiais simples e do próprio local); e a possibilidade de um “trabalho conjunto”, onde a coletividade significava a retirada da população de um estado de passividade permanente, recolocando, por meio do evento do mutirão, a consciência política e cultural da população.” (MIRANDA, 2014). Na qual, segundo a própria Lina relata sua experiência:

“A igreja foi construída por crianças, mulheres, pais de família, em pleno

cerrado. Construída com materiais muito pobres, coisas recebidas de presente, em esmolas. É tudo dado. Mas não no sentido paternalista, mas com astúcia, de como pode se chegar a coisas com meios muito simples. (FERRAZ, Marcelo Carvalho; LATORRACA, Giancarlo (Orgs.). " *Igreja Espírito Santo do Cerrado*, 1999. p. 31)

Essa experiência enfatiza a posição e a mentalidade da arquiteta diante de um contexto de subordinação e inferioridade da população rural mineira em relação ao resto do estado, na época. (SILVA, 2015). Esta nação é delimitada por uma visão a qual Bardi denominava como pseudocultura (1958. In: RUBINO; GRINOVER, 2009, p.87), a qual refletia uma cultura ocidental caracterizada por uma descontextualização da realidade local, sendo essa denominação fruto do consumo. Silva (2014) afirma que a Bardi:

"considerava que uma verdadeira apropriação cultural identitária seria possível justamente pela massa popular excluída, que por sua necessidade de sobrevivência pensa soluções novas e originais. E acrescenta que isso condiz com o pensamento moderno, que rompe e supera o academicismo [pseudo]europeizado." (SILVA, 2014, p.40).

Para a realização deste artigo, uma leitura prévia realizada foi a do livro *Contribuição Propedêutica ao Ensino da Teoria da Arquitetura*, uma tese apresentada ao Curso da Cadeira de Teoria de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1957 pela própria Bardi. A partir desta fonte, houve uma sistematização do conhecimento e aprendizado fornecido pela arquiteta, ao qual referencio constantemente durante o trabalho. Nota-se que no mesmo período, há a publicação da obra *o Grande Sertão Veredas*, por Guimarães Rosa, ao qual alude de forma literária, preceitos e convicções aos quais Lina menciona e defende durante sua tese.

"Este caráter de existência tangível real e utilitária, é o verdadeiro caráter da arquitetura, o único que pode incluir, em seu conceito, o palácio de governo, a casa popular, a casa popular, a escola, bem como o desenho de uma cama ou de um prato; o único que justifique a atitude humilde, quase eclética, do arquiteto hoje." (BARDI, 1957, p.43)

Lina depara-se com uma busca no Brasil de uma compreensão acerca de raízes da cultura brasileira, demonstrando e ressaltando a beleza nelas contidas. Desta forma, ela torna-se uma peça importante na construção da identidade brasileira, assim como Guimarães Rosa.

O LAÇO VERNACULAR

A partir destas primeiras aproximações, o artigo visa investigar as semelhanças entre essas obras, verificando possíveis afinidades e princípios comuns, que parecem estar ligados à valorização da cultura vernácula, considerando dois aspectos: tanto em sua abordagem, durante o trabalho intelectual, quanto em seu resultado, fruto desta síntese intelectual frente a realidade. As aproximações entre Rosa e Lina serão abordadas, aqui,

sob a ótica do vernacular².

Esta palavra tem origem no termo vernáculo, que provém do termo latino *vernaculus*, que remete ao significado de apropriação, definido no próprio dicionário como “Próprio do país ou da nação a que pertence.”. A ótica vernacular aplica-se tanto no campo linguístico, quanto arquitetônico. Sob a perspectiva linguística, a reinserção da cultura sertaneja é trazida ao meio erudito por meio da linguagem vernácula sob a qual é apresentada o romance *Grande Sertão: Veredas*. Rosa difunde dialetos locais e cria neologismos que reiteram sua inventividade e a potencialidade. Sob a perspectiva arquitetônica, a arquitetura vernacular pode ser considerada como um resultado híbrido ao qual técnicas já empregadas por determinadas culturas, ao serem remodeladas e reinventadas, potencializam-se e difundem-se, melhorando não só o ambiente transformados, com outros ambientes similares, conforme alega Rubenilson Texeira (2017):

“Os ‘arquitetos’ da arquitetura vernacular não estão preocupados em acrescentar “palavras” para serem incorporadas ao “vocabulário” arquitetônico existente, pelo menos não de forma consciente. Apesar disto, chegam muitas vezes a resultados interessantes, o que comprova que o “belo” não surge necessariamente do ‘novo.’” (TEXEIRA, 2017)

Partindo do preceito de Frampton, em seu texto de 1983, titulado como “Perspectivas para um regionalismo crítico”, discussões a respeito da tensão entre o moderno e o popular são reiteradas.

“Daí se origina o paradoxo: de um lado, a nação tem de fincar raízes no seu passado, forjar para si mesma um espírito nacional e desfraldar essa reivindicação cultural e espiritual perante a entidade colonialista. Mas, para poder tomar parte da civilização moderna, é necessário participar simultaneamente da racionalidade científica, técnica e política, o que muitas vezes exige o abandono puro e simples de todo um passado cultural.” (FRAMPTON apud NESBITT, 1995, p.505)

Essa busca pelo reconhecimento de uma identidade atrelada às raízes locais, influencia-se pelo pensamento estrangeiro, seja no plano da cultura, seja no plano da civilização. Cujo processo de fertilização recíproca e reinterpretção impuras, denominado pelo próprio Frampton, ocorreria por meio da contaminação de ambas as partes.

No caso de Rosa, sua abordagem na construção do romance o *Grande Sertão: Veredas* inicia-se por sua viagem em maio de 1952, em direção ao sertão de Minas Gerais e da Bahia. Acompanha uma boiada, cujo mesmo trajeto é relatado pelo escritor em suas cadernetas de viagem, a qual proporciona um conhecimento do cotidiano franco do objeto analisado, o sertão brasileiro. (GAMA, 2013)

“Você conhece os meus cadernos, não conhece? Quando eu saio montado num cavalo, por minha Minas Gerais, vou tomando nota de coisas. O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada

² Esta abordagem apresentada consiste em uma das três óticas analisadas na iniciação científica completa. Outros dois aspectos estudados seriam as óticas do discurso e do desenho.

pássaro que voa, cada espécie, tem voo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o voo de cada pássaro, em cada momento. Não há nada igual neste mundo. Não quero palavra, mas coisa, movimento, voo.” (BLOCH, 1989, p.100)³

Neste relato a Pedro Bloch (1989) durante entrevista³, Rosa expõe seu processo de registro, cuja coleta de dados acontece “in loco”, junto aos agentes na atuação do cenário. Partindo desta dimensão, o seu interesse em atitudes simples e banais, muitas vezes vistas pelo autor como “detalhes” - hábitos dos vaqueiros, provérbios, expressões coloquiais próprias da região - colaboram para a veracidade das narrativas de Rosa.

A sua inventividade reside no fato de reinterpretar o sertanejo sem subjugá-lo ou estigmatizá-lo, mas deparando com toda a sua complexidade. Adota-se assim o contraste que reside na análise do léxico do próprio título, o “Grande Sertão” que retoma a “grandiloquência dos donos do poder, sempre no alto” em oposição ao raso das veredas, onde reside “a fala humilde do povo”, segundo análise do próprio BOLLE (2002).

“Com a ampla incorporação da linguagem popular em sua obra, Guimarães Rosa considera os sertanejos não como “objetos” de pesquisa, mas como sujeitos da invenção, isto é, como narradores de suas próprias histórias, que ele passou a colecionar e a integrar em suas estórias e em seu romance. Nessa perspectiva, a história do fazendeiro endemoninhado Riobaldo é apenas mais uma entre muitas outras histórias, numa historiografia polifônica, esboçada em Grande sertão: veredas, que contém também o modelo de uma reescrita da história do Brasil.” (BOLLE, 2002, p.364)

Constata-se também que em ambos os artistas há uma forte presença de um caráter regional que ao mesmo tempo torna-se universal, de acordo com o segundo critério de Frampton. No caso de Guimarães Rosa, a própria obra Grande Sertão Veredas por si só, já é uma prova desse fato, conforme relata Antônio Candido (2006) abaixo:

“A propósito da maneira personalíssima de Guimarães Rosa, falei há muito tempo em ‘super-realismo’, porque ele elabora o regional por meio de um experimentalismo que o aproxima do projeto das vanguardas. Nele não há pitoresco ornamental, nem realismo imitativo, nem consciência social e, sobretudo, a dimensão temática é menos importante do que a dimensão linguística, que parece criar uma outra realidade, porque a palavra ganha uma espécie de transcendência, como se valesse por si mesma. Quer dizer que ele não apenas sugere o real de um modo nada realista, mas elabora estruturas verbais autônomas. Nele a palavra é criadora por si mesma e transcende a matéria narrada. Por isso Grande sertão: veredas transforma o particular da região num universo sem limites, que exprime não apenas o sertanejo, mas o ‘homem humano’, para falar como Riobaldo.” (CANDIDO, 2006)

Em relação a Lina, sua abordagem franca com a comunidade de Jaraguá é evidenciada em diversos relatos durante a execução da obra da Igreja do Espírito Santo do Cerrado. Assim como Rosa, Lina não idealiza os sujeitos em questão, mas os reinterpreta

³ BLOCH, Pedro. *Pedro Bloch Entrevista*. Rio de Janeiro: Bloch, 1989, p. 100. Originalmente publicada na revista *Manchete*, em 15 de jun. 1963.

a partir de suas vivências cotidianas e particulares. Neste projeto, os critérios que Frampton evidencia como a consciência do lugar e a tectônica, para a eficiência da apropriação da arquitetura, são tangenciados na presença ativa no canteiro de obras.

“Nota-se que o processo construtivo foi o principal ponto de contato entre arquiteta e a equipe de obras, como um processo aberto às considerações locais de execução, que foi fator decisivo para a autonomia demonstrada pelos trabalhadores associada à fidelidade dos trabalhadores à concepção original” (LAZZARIN, 2015, p.75)

Sua reinterpretação daquela experiência evidencia “uma síntese espacial do processo de redemocratização brasileira”, nas palavras de Lazzarin (2015). Como o próprio Luís Antônio Jorge (2012) coloca abaixo, a linha tênue entre ambos os intelectuais ocorre principalmente no campo metodológico, em suas abordagens frente ao desafio na conformação e na reiteração de uma identidade até então marginal, como o sertanejo.

“A forma pela qual se dava a aproximação da arquiteta Lina Bo Bardi ao saber popular era muito similar à abordagem criativa de Rosa: um vínculo interno, um diálogo travado no nível da invenção da linguagem e não, da sua idealização, típica de quem detém a autoridade de um saber refratário à experiência alheia. Como Rosa, Lina percebeu, no contato com a riqueza da cultura popular, um convite para uma outra arquitetura (não a do tipo corrente) onde a inventividade estivesse amplamente contemplada de modo a nutrir a cultura moderna com os saberes populares. Uma arquitetura francamente afetiva, radicalmente simples e humildemente comprometida com as nossas verdadeiras necessidades.” (JORGE, 2012)

A partir dessas considerações, entendemos que se desvela a possibilidade de compreender ambos objetos de estudos como resultados dessas possíveis sínteses, ou maneiras de entendimento do mundo. Posições muitas vezes consideradas utópicas, que se colocam como balizadores de inspiração para futuros experimentos de possíveis “Brasis” que estão por vir. Pois ambos aceitam a realidade brasileira, cada qual em seu momento, e desfrutam das potencialidades com que se deparam, intervindo cada qual segundo seu próprio processo crítico e criativo.

Este trabalho propõe apenas uma primeira aproximação entre autores e temas, considerando a definição de arquitetura vernacular defendida por Rubenilson Texeira (2017):

“uma arquitetura tradicional, resultante do desenvolvimento histórico de um determinado povo. Ela prescinde tanto do arquiteto como do projeto, na sua concepção contemporânea. Não cabe nas classificações estilísticas da arquitetura convencional. Origina-se ou é mais frequente em área rural. Respeita e se adapta bem às diversas limitações tecnológicas e físico-ambientais. A tecnologia é autóctone, primitiva, rudimentar, quando comparada à tecnologia formal. Ela permite variações ao nível da língua, mas não da palavra. A arquitetura vernacular é fundamentalmente a expressão de um povo, e, portanto, um ato cultural.” (TEXEIRA, 2017)

Ao buscar contribuir para a discussão da questão do vernacular, o artigo apenas

inicia o debate, entendendo ser possível aprofundar novos estudos que caminhem nessa direção.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (Brasil). **João Guimarães Rosa: Biografia**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/biografia>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

BARDI, Lina Bo. **Contribuição Propedêutica ao Ensino de Arquitetura**. 1957. 95 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1957.

BOLLE, Willi. **Representação do povo e invenção de linguagem em grande sertão: veredas**. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p.352-366, 2002. Semestral.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. (Org.). **Os planos de prevenção e controle do desmatamento em âmbito federal**. 2015. Disponível em: <<http://combateadodesmatamento.mma.gov.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

CANDIDO, Antonio. **O super-realismo de Guimarães Rosa**. *Jornal da Usp*. São Paulo, p. 1-2. maio 2006

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. **Igreja Espírito Santo do Cerrado**. 2008. Disponível em: <http://www.arqmoderna.faued.ufu.br/doc_moderno/html/cidades/UBERLANDIA/Ig_espirito_Santo.html>. Acesso em: 02 mar. 2018.

COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (São Paulo). Divisão de Mídias Impressas da Coordenadoria de Comunicação Social da Usp. **O super-realismo de Guimarães Rosa**. *Jornal da Usp*. São Paulo, p. 00-00. 15 mar. 2006. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp763/pag14.htm#topo>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

DÜLGEROGLU, Y. **Design methods theory and its implications for architectural studies**. *Design methods: theories, research, education and practice*, California: Design Methods Institute, v. 33, n. 3, p. 2870-2879, 1999.

FERRAZ, Marcelo Carvalho; LATORRACA, Giancarlo (Orgs.). **Igreja Espírito Santo do Cerrado**. São Paulo; Lisboa, Blau, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1999.

FRAMPTON, Kenneth. Perspectivas para um regionalismo crítico. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**: Antologia Teórica 1965-1995. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 503-519.

GAMA, Mônica. **O diário de viagem de Guimarães Rosa: Movimento e voo das palavras nas notas de 1952**. *Manuscrita*, São Paulo, v. 25, p.299-302, 2013.

GRINOVER, Marina Mange. **Uma ideia de arquitetura: escritos de Lina Bo Bardi**. 2010. 257 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Italo Calvino, “**Visibilidade**”, in *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. CALVINO, Italo. São Paulo : Companhia das Letras, 1990, pp.107-108

JORGE, Luís Antônio. **Língua portuguesa, literatura brasileira e os lugares do modernismo no Brasil**. Arquitectos, São Paulo, ano 13, n. 148.02, Vitruvius, set. 2012 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/13.148/4503>>.

JUTLA, R. **An inquiry into design methods**. Design methods: theories, research, education and practice, California: Design Methods Institute, v. 30, n. 1, p. 2304-2308, 1996.

KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornelie Knatz et al. **Reflexão sobre metodologias de projeto arquitetônico**. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p.7-19, Não é um mês valido! 2006.

LAZZARIN, Ariel Luís. **A Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado e suas alternativas à arquitetura brasileira**. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.

LINA Bo Bardi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1646/lina-bo-bardi>>. Acesso em: 17 de Jan. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

LOURENÇO, Eduardo. **Guimaraes rosa ou o terceiro sertão**. Letras, Lisboa, p.19-24, abr. 1997.

MARGOTTO, Luciano. **Lições de Arquitetura: Leitura a partir de poéticas**. 2016. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MINAS GERAIS. IEPHA (INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO/ MG). **Igreja do Espírito Santo do Cerrado**. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/14-patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/54-igreja-do-espírito-santo-do-cerrado>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

MINAS GERAIS. PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. **Igreja Espírito Santo do Cerrado**. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=428>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

MIRANDA, Ana Paula Tavares. **Ação, protagonismo e movimento social na igreja espírito santo do cerrado**. Revista Relicário, Uberlândia, v. 1, n. 2, p.44-56, jul. 2014. Semestral. Disponível em: <<file:///C:/Users/sam's/Downloads/16-33-1-PB.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas)**. Estudo avançado, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 47-64, Dec. 2006.

NOGUEIRA JUNIOR, ARNALDO. **João Guimarães Rosa**. Disponível em: <http://releituras.com/guimaraes_bio.asp>. Acesso em: 16 jan. 2018

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina [org.] **Lina por escrito**. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SALES, Cristiano Lima. **Grande Sertão: Veredas, “lugar de memória” e ponte para a história de uma Minas Gerais esquecida**. Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas, Minas Gerais – Brasil, v. , n. 2, p.1-17, out. 2012.

SILVA, Claiton Marcio da. **Os outros são o atraso: populações rurais e modernização agrícola em Minas Gerais (1950-1960)**. In: SILVA, Sandro Dutra e; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero. *Vastos Sertões: História e Ciência na Natureza e na Literatura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2015. p. 111-126.

SILVA, Natália Achcar Monteiro. **Um olhar sobre a igreja divino espírito santo do cerrado**. 2014. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

STUCHI, Fabiana Terenzi. **Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 50 em São Paulo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Projeto, Espaço e Cultura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.16.2007.tde-14052010-102629. Acesso em: 2018-03-24.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. **Arquitetura vernacular. Em busca de uma definição**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 17, n. 201.01, Vitruvius, fev. 2017 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.201/6431>>.